

1) Um movimento de globalização contra-hegemônica é capaz de levar a um novo moto colonizador? Ou tende à busca de um equilíbrio democrático de culturas e forças? Ou, ainda: teria, no frígido dos ovos, apenas um caráter de inserção inteligente numa nova ordem irreversível?

BSS: O que é próprio do nosso tempo é pensar que a contingência e a indeterminação das acções colectivas, longe de serem paralizantes, são os motores da história. Para lutar por "um outro mundo possível" não precisamos de saber de antemão como será exactamente, nem sequer se ou quando o alcançaremos. Basta-nos a exigência ética do inconformismo com a sociedade obscenamente injusta e violenta em que vivemos e o modo como sabemos concretizar essa exigência em acções rebeldes. Alimentar essa exigência é o problema número um da política progressista do nosso tempo. É um problema difícil porque contra ele militam dois grandes produtores de conformismo: a banalização do horror nos média e o sequestro da ética pela instrumentalização da energia que ela gera. Quanto a esta última, veja como metade dos eleitores dos EUA votaram recentemente a favor do aumento da injustiça social (de que eles próprios são vítimas) apenas para defenderem a proibição do aborto e do casamento entre homossexuais.

A globalização contra-hegemónica, de que os movimentos e organizações congregadas no Fórum Social Mundial são um eloquente exemplo, é feita de uma enorme diversidade de acções de resistência contra a injustiça social em suas múltiplas dimensões. Contra a banalização e a instrumentalização da indignação moral procuram manter viva a ideia de que o capitalismo global (agora chamado globalização neoliberal) é injusto, é hoje mais injusto do que era há vinte anos e que, se nada fizermos, será ainda mais insuportavelmente injusto daqui a vinte anos. É deste inconformismo que nascem as lutas que têm sido acolhidas no Fórum e as alternativas que têm vindo a ser propostas. As alternativas não nascem de uma ideia do futuro; nascem de uma avaliação do presente.

Nenhuma destas lutas e alternativas está imune ao fracasso ou à perversão. O que será a globalização contra-hegemónica depende do que será a globalização hegemónica e vice-versa. Há três anos não imaginávamos que o capitalismo estivesse tão urgentemente necessitado do seu balão de oxigénio preferido: a guerra. E, desta vez, a guerra santa, um autêntico regresso às origens, ao século XV. É evidente que o movimento do Fórum não estava preparado para esta viragem.

O objectivo da globalização alternativa é tornar o mundo cada vez menos confortável para o capitalismo. Este só pode ser declarado irreversível depois de esgotadas todas as alternativas, o que provavelmente nunca acontecerá. Ou seja, o capitalismo global não é menos contingente e indeterminado do que as lutas contra ele.

2) Detendo um pouco o foco no Brasil: o caminho neocivilizatório, ou refundador, a seu ver passa mais pela vertente dos iberistas ou dos americanistas? Ou por uma fórmula própria, dissociada destes modelos?

BSS: O debate entre iberistas e americanistas foi uma das variações por que tem passado a política de identidade do Brasil. Ou seja, não esteve em causa o que o Brasil era ou é, mas sim o que as elites gostariam que fosse. Uma das mais tenazes heranças do colonialismo – que aliás se prolonga muito para além de ele ter terminado como relação política – é o facto de as sociedades coloniais se pensarem sempre em termos do que não são. Terem de se definirem em relação a um "outro" implica necessariamente definir (e, às vezes, escolher) quem é o "outro" e é aqui que o debate começa e muitas vezes termina. A selectividade das definições é, em retrospecto, impressionante. Por exemplo, com excepção de Manoel Bomfim, ninguém viu na "América" a fractura para a qual José Martí já apontara em 1895, a fractura entre a América-Próspero (a América do Norte) e a América-Caliban (a América Latina). Daí que lutar contra um colonialismo significou muitas vezes cair nos braços doutro. Até hoje, a pouca centralidade dessa fractura impede, por

exemplo, que se avance mais na integração económica e cultural regional. Basta ver as rotas aéreas no continente para concluir quão longe estamos da integração.

Por baixo e por cima dos debates, os brasileiros foram construindo o Brasil brasileiro, com todos os materiais que lhes chegaram às mãos e com os que foram inventando, com aquela voracidade antropofágica que Oswald de Andrade tão bem caracterizou. Hoje, o Brasil tem suficiente identidade para poder dispensar-se de pensar nela.

3) No Brasil, a "abolição" do colonialismo interno herdado de Portugal é uma luta a ser assumida por um esforço relacionado a um neocolonialismo de língua portuguesa, ou mesmo a um bloco de forças de globalização contra-hegemônica ou, ao contrário, a uma luta que deve se travar internamente, dentro da dinâmica aqui estabelecida?

BSS: O colonialismo interno é uma das facetas do processo histórico do capitalismo brasileiro, mas este existe hoje, tal como no passado, vinculado ao capitalismo global. O que se passa com a demarcação das terras indígenas – Raposa Serra do Sol e toda a região amazônica – com o reconhecimento dos quilombos – Alcântara e um pouco por todo país – e com o acesso à terra por parte dos camponeses pobres – por que tem vindo a lutar valentemente o MST – é revelador de como as realidades mais "intrinsecamente" do colonialismo interno brasileiro estão hoje atravessadas pelo capitalismo global. Por isso, as lutas de resistência têm de ser travadas em todas as escalas, local, nacional e global e só as condições e os tempos concretos podem determinar qual a escala de luta a privilegiar. Por exemplo, penso que neste momento estão reunidas as condições para, no caso das lutas pelas terras indígenas, juntar a escala global à luta nacional. Neste domínio, o governo brasileiro tem tido um comportamento vergonhoso que está a gerar repulsa em todo o movimento indígena continental e é tempo de denunciar a contradição entre ele e tudo o que a diplomacia brasileira tem vindo a apregoar.

4) A idéia de periferia no senso estrito, dos cinturões sociais que circundam ou inserem-se na centralidade urbana (nas cidades) ou no interior miserável (se pensamos no país) parece-me que pode hoje ser extrapolada. As ex-colônias são periféricas em relação às colônias, Portugal é periférico em relação à Europa, o Oriente periférico em relação ao Ocidente, o resto do mundo periférico em relação aos EUA... o senhor poderia comentar?

BSS: Para responder a esta pergunta preciso de subir a uma nuvem. Subindo à nuvem mais próxima, direi que a dicotomia entre centro e periferia é o resultado da distribuição desigual de recursos nos mais diversos domínios (económico, social, político, cultural) e escalas. Esta desigualdade é o resultado de relações desiguais de poder, tanto de poder para fazer como de poder para impedir que seja feito. As periferias não são vítimas inertes e têm muitas vezes mais poder do que o que pensam. Por sua vez, os centros são mais frágeis do que o que pensam porque não dependem apenas do poder que têm, dependem sobretudo de que as periferias ajam apenas em função do poder que não têm. São duas as dificuldades de pensar e agir em função desta oposição binária. A primeira é que há periferias e periferias, ou seja, entre os opostos extremos há uma série de graus intermédios ao longo de um contínuo. Cada periferia mais central age como centro para a que é mais periférica. Lembrem-se da tese do sub-imperialismo do Rui Mauro Marini? A segunda dificuldade é que cada centro cria várias periferias e estas, do lugar donde estão, tendem a não ver o que têm em comum e as une. O que aconteceria se os indígenas, os afro-descendentes e os camponeses pobres se unissem numa só luta e juntassem a eles os sem-teto, os trabalhadores informais, as mulheres etc.?

5) Se o Brasil de hoje repete dinâmicas de sua colonização, por outro lado parece um tanto dissociado do colonizador do ponto de vista das trocas culturais na contemporaneidade. Comente, por favor.

BSS: Portugal permitiu às suas colónias uma oportunidade única na história: conquistarem a independência sem continuarem dependentes. Isto aconteceu por duas razões. Por um lado, devido ao seu pouco poder económico, Portugal não pôde ser um neocolonialista consistente. Por outro lado, as independências ocorreram no bojo de revoluções internas, a revolução liberal no caso do Brasil, a revolução dos cravos no caso das colónias africanas. Por estas duas razões, o espaço global de língua oficial portuguesa é o único que pode prosperar fora do marco do neocolonialismo, um potencial que os nossos governantes ainda não descobriram com a notável excepção do Ministro Gilberto Gil.

6) O Governo Lula fundou-se num princípio de pluralidade, de ousadia e de visão da cultura como algo relacionado com o cotidiano e a transformação. O senhor acha que o Brasil começa a caminhar nesse sentido?

BSS: Muito devagar e às cegas. O fardo do medo é tão grande que se confunde com a esperança que o carrega.